



A Botânica na TV: Um Estudo Sobre o Programa “Um Pé de Quê?”¹

Luísa MARTINS²

Leila MACIAS³

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

A televisão opera na constituição dos sujeitos e subjetividades na sociedade contemporânea, produzindo imagens e saberes que de alguma forma ensinam as pessoas sobre os modos de ser na cultura em que vivem. A temática ambiental é essencialmente interdisciplinar e passa pelo âmbito comunicacional para o conhecimento dos indivíduos. A flora brasileira - a mais diversificada do mundo - é de grande relevância para a população: além de ser economicamente importante, a partir dela há a produção de remédios e alimentos. O programa “Um Pé de Quê?”, do Canal Futura, aborda, a cada episódio, uma árvore brasileira e todos os seus aspectos etnobotânicos. Através de seu compromisso com a natureza e de sua linguagem coloquial, o programa se torna um rico material educativo-ambiental de conservação e consciência ecológica.

PALAVRAS-CHAVE: botânica; televisão; educação ambiental; etnobotânica; comunicação

TEXTO DO TRABALHO

Introdução

A Agenda 21 brasileira (MMA, 2000), um dos principais documentos retirados do maior encontro de líderes governamentais e não-governamentais sobre a problemática ambiental no planeta, a Rio 92, aponta o papel dos meios de comunicação como responsáveis por promover não só a melhoria da qualidade de vida das pessoas, como a formação de sujeitos críticos e éticos, estando ligados à educação. Isso implica na necessidade de entender a disseminação de informações e conceitos utilizados pelos veículos de comunicação, que passam a ter importante função nas discussões, formando e interferindo nas visões e interpretações sobre a natureza e o ambiente social.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Bióloga pela UFPel e Estudante de Graduação 1º. semestre do Curso de Jornalismo da UCPel, email: lu_roig@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professor do Curso de Ciências Biológicas da UFPel, email: lmacias@uol.com.br



A educação ambiental emerge, portanto, como possibilidade de formar os novos valores para orientar essa transição em direção à sustentabilidade, ou seja, como um instrumento para a construção da racionalidade ambiental. Isso significa pensar a temática ambiental sob a ótica do cotidiano e da manutenção da coletividade.

Dentro do contexto ambiental, a botânica assume papel de destaque por constituir-se em uma ciência de grande aplicabilidade no cotidiano da população. Considera-se que desde a Antigüidade as plantas são utilizadas como alimentos e remédios. Dessa forma, torna-se fundamental divulgar a importância das ações de conservação e manejo sustentável para com o reino vegetal, especialmente no Brasil, o país com a mais diversificada flora arbórea do planeta.

É inegável que é pela televisão que tomamos conhecimento da grande pluralidade cultural do Brasil. Porém, esse meio de comunicação não é apenas uma fonte básica de informação e lazer. Segundo Fischer (2002, p.153), trata-se bem mais de um lugar extremamente poderoso no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações – relacionadas a um aprendizado cotidiano.

Um estudo realizado por Duarte, Leite e Migliora (2006, p.507) mostra que as crianças não têm dúvidas quanto ao caráter educativo da televisão: elas parecem saber avaliar o que a televisão pode ou não lhes oferecer do conjunto dos saberes que acreditam serem necessários para transitar na sociedade. Apesar das duras críticas que os adultos, sobretudo os educadores, fazem à televisão, as crianças - segmento mais significativo de telespectadores na maioria dos países do mundo - a têm em alta conta porque, na opinião delas, ela consegue aliar ensinamento e entretenimento.

Segundo Orozco (2000, p.66),

Chega-se então a pensar que os meios de comunicação não têm nada a ver com educação. Essa é uma idéia generalizada. Todavia, me parece muito importante se mudar essa idéia social de que os meios de comunicação somente servem para divertir e informar. Porque justamente, o divertir e o informar estão produzindo aprendizagens em todos os setores, mas isso não se estende porque há uma definição muito estreita, muito reducionista da educação: educação é aquilo que é instrução, tudo aquilo que eu quero ensinar, que a sociedade diz que eu devo ensinar às crianças, isso é educação. Então, educação é aquilo que faz a escola. Nenhuma outra instituição pode educar. Educação é aquilo que se faz seriamente, com muito esforço. Aquilo que é divertido não é educação. Então, eu acredito que há uma idéia equivocada sobre educação e que é preciso mudar essa idéia. Educação pode ser muito divertida, pode ser fora da escola, pode ser muito mais que somente instrução.

Dessa forma, a televisão deveria ser utilizada nas escolas como forma alternativa de educar. Baccega (2000, p.95) afirma que

(...) a televisão, com meio século de presença entre nós, compartilha com a escola e a família o processo educacional, tendo-se tornado um importante agente de formação. Ela até mesmo leva vantagem em relação aos demais agentes: sua linguagem é mais ágil e está muito mais integrada ao cotidiano. O tempo de exposição das pessoas à televisão costuma ser maior do que o destinado à escola ou à convivência com os pais.

O programa “Um Pé de Quê?”, idealizado por Regina Casé e produzido pela Pindorama Filmes e Canal Futura, tem como personagens principais as árvores brasileiras. Ao falar de modo interdisciplinar sobre botânica, história, geografia, economia, urbanismo, literatura, ecologia, sustentabilidade, artesanato e outros aspectos do conhecimento, o programa estabelece relações e significados a partir de histórias da árvore-tema, da região onde ela se encontra e do relato de pessoas entrevistadas, constituindo-se, então, de um bom material para a educação ambiental. Dessa forma, o presente trabalho objetivou analisar o programa “Um Pé de Quê” em relação à sua linguagem, informação didática e grau de entretenimento no contexto educacional, através de uma pesquisa qualitativa com alunos das sétimas e oitavas séries do Ensino Fundamental.

1. A Flora Brasileira

A vastidão do território brasileiro acolhe um enorme número de espécies vegetais, conferindo ao Brasil o posto de país com a mais diversificada flora arbórea do planeta. A exploração desenfreada dos recursos naturais ameaça grande parte dos ecossistemas, chegando a pôr em perigo a sobrevivência de muitas espécies vegetais e dos representantes da fauna que delas dependem.

A importância das espécies vegetais, no contexto brasileiro, vem de tempos remotos, visto que o nome da nação “Brasil” foi baseado na árvore popularmente conhecida como pau-brasil (*Caesalpinia echinata* Lam.). Hoje, sabe-se que as matas e florestas nativas são fundamentais na manutenção do ciclo da água, evitando contaminações de nascentes e o assoreamento do leito de córregos, rios e lagoas. Além

disso, as matas nativas abrigam a fauna e a alimentam com seus frutos, garantindo sua diversidade.

Aspectos econômicos também devem ser considerados ao falarmos da flora brasileira. Rizzini e Mors (1995, p.3) apontam que muitas espécies potencialmente úteis são conhecidas, mas subutilizadas, enquanto outras aguardam pelo descobrimento. É o caso, por exemplo, das centenas de plantas medicinais usadas pela população.

Nesse sentido, tem-se a necessidade de cada vez mais estimular políticas de conservação. Mais que isso, é necessária uma grande atuação da educação ambiental, propiciando informações suficientes para modificar todo um comportamento social, de modo que a população seja conscientizada da importância da conservação da biodiversidade.

1.1 Etnobotânica: a relação dos homens com as plantas

Ao longo de sua história, o homem acumulou informações sobre o ambiente que o cerca e, sem dúvida, esse acervo baseou-se na observação constante e sistemática dos fenômenos e características da natureza. Nesse contexto, inserem-se os conhecimentos relativos ao mundo vegetal.

Ao definir etnobiologia, Posey (1987, p.16) afirmou:

A etnobiologia é essencialmente o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia. Em outras palavras, é o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e adaptação do homem a determinados ambientes.

A história da etnobotânica, segmento da etnobiologia voltado ao domínio vegetal, para Prance (1995, p.63), começa a partir dos trabalhos de Linnaeus, devido aos seus diários de viagem apresentarem dados referentes às culturas visitadas, aos costumes de seus habitantes e ao modo de utilização das plantas. Ming (1995, p.53) ampliou o conceito, abrangendo todos os aspectos da relação do ser humano com as plantas, seja de ordem concreta – uso material e cultural – ou abstrata – símbolos de culto, folclore e plantas sagradas.

Atualmente, pode-se entender a etnobotânica como sendo o estudo das sociedades humanas, passadas e/ou presentes, e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas e culturais com as plantas, ou seja, o estudo das inter-relações, materiais ou

simbólicas, entre o ser humano e as plantas, levando-se em consideração fatores ambientais e culturais.

A importância dos estudos etnobotânicos no Brasil está relacionada à imensa riqueza da nossa flora e à forte pressão antrópica que os ecossistemas vêm sofrendo, acarretando a perda de vastas áreas verdes, da cultura e das tradições das comunidades que habitam essas áreas e que dependem dos recursos do meio para sobreviver. Nesse sentido, a intensificação dos trabalhos etnobotânicos pode servir como instrumento para delinear estratégias de utilização e conservação das espécies nativas e seus potenciais. Além disso, através da valorização e do conhecimento empírico das sociedades humanas, pode-se incentivar a geração de conhecimento científico e tecnológico voltados para o uso sustentável dos recursos naturais. Em resumo, os estudos etnobotânicos trazem contribuições para a conservação da diversidade biológica e cultural da região estudada e para a compreensão de diferentes aspectos do comportamento humano.

2. A Televisão Educativa

Com o desenvolvimento da sociedade, o homem passou a dispor de menos tempo para informar-se. Por isso, dentre os meios de comunicação, a televisão assumiu papel de destaque, por ser uma forma mais ágil de informação, além de visualmente estimulante. Através da televisão, é possível estabelecer contato com outros mundos, outros povos e outras culturas. Nessa perspectiva, a televisão se apresenta também como uma oportunidade de aprendizagem, pois ela entretém, inegavelmente informa e, de certo modo, educa.

A televisão de caráter educativo, por sua característica temática e segmentada, deve oferecer uma informação mais dirigida e de mais qualidade e intensidade, apropriada aos formatos e à linguagem televisiva. Uma das características da televisão é o tratamento mais superficial da informação; mesmo que não haja a abordagem profunda que existe em uma sala de aula, a televisão educativa possibilita o contato com o conhecimento diversificado, já que apela para múltiplos sentidos. A aprendizagem decorrente da televisão se distingue, portanto, daquela feita na escola tradicional. A televisão tem forte apelo visual, adota uma linguagem coloquial, um ritmo acelerado e a

mistura de vários elementos que fazem do meio um espaço privilegiado na cultura contemporânea. Desse modo, é fundamental considerar a educação pela mídia como um modo alternativo de educar.

2.1 O Canal Futura

Hoje o mercado que envolve a televisão como recurso didático conta com a participação da iniciativa privada – como é o caso do Canal Futura, um projeto social de comunicação, de iniciativa privada e de interesse público, no ar 24 horas por dia. A partir de suas características atrativas e educativas, o Futura atua colocando em conexão pessoas, idéias, redes e instituições.

O Futura transmite valores e informações úteis ao cotidiano da população, alcançando crianças, jovens, famílias e trabalhadores, criando uma linguagem plural para abordar temas de importância e interesse coletivo.

2.2 O Programa “Um Pé de Quê?”

Idealizado e apresentado pela atriz Regina Casé, o programa “Um Pé de Quê?”, produzido pela Pindorama Filmes e Canal Futura, tem como personagens principais as árvores brasileiras. A cada programa uma espécie é mostrada, com uma ampla abordagem, que revela as histórias curiosas que existem por trás da nossa diversidade florística. A equipe do programa já percorreu vários estados brasileiros, mostrando como o ser humano se relaciona com as espécies vegetais.

A partir de uma linguagem popular, do relato dos entrevistados e da divulgação de expressões artísticas e de características próprias da população, o programa pode ser classificado como educativo, visto que direta ou indiretamente aborda temas como conservação ambiental e consciência ecológica e cultural. Com duração de cerca de 20 minutos, o programa “Um Pé de Quê?” é voltado para temáticas de diversidade cultural, histórica e, claro, botânica.

Desde a primeira temporada, em 2001, já foram abordadas 112 espécies vegetais. No programa, a árvore serve como chave para entender as referências que constituem a cultura local, sendo um caminho rico tanto para a estrutura narrativa do programa quanto como inspiração para o uso criativo dos recursos audiovisuais. De um

modo geral, pode-se dizer que o programa “Um Pé de Quê?” busca a origem de cada árvore, suas características, suas relações com o homem, com as cidades e com a história, em uma viagem que vai da botânica aos costumes populares, das lendas indígenas às altas tecnologias, da economia à religião, da antropologia ao paisagismo, da política à arte.

3. Metodologia

Para a realização desse trabalho fez-se a opção pelas pesquisas bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica foi realizada através da leitura de livros, revistas, jornais, visando compor o embasamento teórico do assunto, seguida de leitura e fichamento das idéias principais. Em um segundo momento, foi feita uma pesquisa de campo na Escola Mário Quintana, de Pelotas, Rio Grande do Sul, com a finalidade de testar a aceitação, aplicabilidade e repercussão das idéias propostas no programa “Um Pé de Quê?” do Canal Futura, objeto de análise desse estudo de caso.

Os participantes da amostra foram trinta estudantes das sétimas e oitavas séries do Ensino Fundamental da Escola Mário Quintana. A coleta de dados ocorreu logo após o recreio da escola, quando os alunos participantes da amostra foram encaminhados ao auditório a fim de serem instruídos sobre como se daria o processo de pesquisa. Com a supervisão da orientadora escolar, foi exibido o episódio Abrió-de-Macaco (*Coroupita guianensis* Aubl.) para os discentes. Após essa etapa, foi entregue a cada um dos estudantes um formulário contendo o questionário a ser preenchido. Decorrido o tempo de 15 minutos, os questionários foram recolhidos devidamente preenchidos por todos os participantes.

3.1 Análise dos resultados

3.1.1 Qual seu grau de interesse pelas disciplinas de botânica?

Dos representantes da amostra, 37% se mostram indiferentes quanto ao grau de interesse pela botânica: não gostam nem odeiam. Outros 33% afirmaram que gostam do tema; 23% disseram que odeiam qualquer coisa relacionada à botânica; 7% adoram o assunto, pois se identificam muito com a área de estudo. Pelos resultados, pode-se

observar que a botânica é uma disciplina que não gera repúdio na maioria dos alunos. Com isso, podemos inferir que um programa que visa abordar temáticas relativas ao reino vegetal será aceito pela população estudantil. Foi possível perceber pelas respostas obtidas que o assunto interessou aos alunos que ficaram atentos ao episódio exibido, o que demonstra a possibilidade de se utilizar mais a mídia televisiva e seus recursos como via de suporte ao ensino de crianças e adolescentes.

3.1.2 Você já tinha ouvido falar no programa?

A televisão é eficaz devido à capacidade de articulação, de superposição e de combinação de linguagens diferentes – imagens, falas, música, escrita – com uma narrativa fluida e uma lógica pouco delimitada, como é o caso do programa “Um Pé de Quê?”, que já era conhecido por 73% dos estudantes. Apenas 27% disseram que não conheciam o programa.

3.1.3 O texto narrado pela apresentadora é de fácil entendimento?

Quando indagados sobre a compreensão que tiveram do programa "Um Pé de Quê?", 80% dos alunos afirmaram ser fácil de compreender, pois a apresentadora Regina Casé fala sobre as plantas de maneira descontraída, como se fosse um bate-papo com o telespectador. Acrescentaram ainda que iriam assistir mais vezes a esse programa, para ajudar na aprendizagem da escola. Os outros 20% responderam que consideram o texto narrado de difícil entendimento. Isso pode advir do fato de que algumas pessoas não gostam da área biológica e menos ainda de Botânica.

No conjunto de respostas, é possível concluir que a utilização de meios de comunicação de massa para o ensino da Biologia e de outras matérias é sem dúvida um bom instrumento na busca por um ensino-aprendizagem de qualidade, pois conta com o poder de atração que esse tipo de mídia tem sobre as pessoas, especialmente crianças e adolescentes.

Adequações seriam necessárias: horários alternativos, maior quantidade de canais produzindo esses programas educativos e o uso da criatividade para apresentação dos temas propostos.

3.1.4 As pessoas entrevistadas foram bem selecionadas?

Para 77% dos estudantes, os entrevistados foram bem selecionados: há palavras tanto de especialistas quanto de trabalhadores de outras áreas, que de uma forma ou de outra se relacionam com a planta em questão. Consideram também que esse fato dá mais dinamismo ao programa, uma vez que diferentes linguagens são utilizadas sobre o mesmo tema.

Outros 23% não consideram que as pessoas entrevistadas pela apresentadora foram bem selecionadas, pois deixaram a desejar em suas explicações, não foram claras no que intencionavam expor, partindo do princípio de que o telespectador já sabia algo sobre o assunto.

3.1.5 É necessário que o telespectador tenha um conhecimento botânico mínimo para entender a mensagem passada pelo programa?

De acordo com 83% dos participantes da pesquisa, não é necessário que o telespectador do programa "Um Pé de Quê?" tenha um conhecimento botânico para entender a mensagem veiculada, pois consideram que o jogo de imagens, sons e as explicações dadas pela apresentadora e pelos entrevistados, deixam evidente a ideologia do programa.

No entanto, 17% dos adolescentes disseram não ter compreendido bem algumas passagens e por isso, consideram que é preciso ter um conhecimento botânico para dar que os objetivos sejam completamente entendidos.

Os dados demonstram mais uma vez que é preciso mais investimentos em bons programas educativos, atraentes e dinâmicos como "Um Pé de Quê?", pois o programa apenas didático tende a cair mais sobre a oralidade e resulta em programas que causam mais tédio do que aprendizagem.

3.1.6 Você acha que alguém sem muito conhecimento botânico se conscientizaria sobre a conservação das espécies botânicas após assistir ao programa?

Segundo 77% dos alunos que participaram da pesquisa, mesmo um leigo no assunto pode compreender perfeitamente a temática do programa na sua totalidade. Mais do que isso, os estudantes acreditam que essas pessoas – sem conhecimento botânico prévio – podem se conscientizar sobre a conservação das plantas após assistir o programa, devido aos exemplos dados, à clareza como os fatos são dispostos pela apresentadora e à contextualização entre o nome científico e o nome vulgar das espécies apresentadas.

Os outros 23% afirmaram que alguém sem muito conhecimento botânico não teria como se conscientizar sobre a conservação das espécies botânicas após assistir ao programa, pois isso requer, na opinião dos entrevistados, um conhecimento anterior.

3.1.7 Como você classificaria o programa?

Os dados da pesquisa apontam que 47% dos discentes classificam o programa "Um Pé de Quê", do canal Futura, como sendo educativo, pois informa sobre o assunto botânica de maneira fácil de ser compreendida, interessante, divertida, o que favorece a aprendizagem do conteúdo.

Para 13% dos representantes da amostra, o programa é apenas mais um de entretenimento, e não educativo. A televisão não consegue informar, apenas entreter.

Os 40% restantes consideram que além de ser educativo, o "Um Pé de Quê?" também é um programa de entretenimento, visto que ensina sobre a botânica de uma forma clara e divertida, que prende a atenção do telespectador.

4. Considerações Finais

Esse estudo de caso teve por objetivo analisar a relevância da mídia televisiva como instrumento de ensino e reflexão, através de programas educativos que tenham linguagem acessível e sejam interessantes a crianças e adolescentes, tendo por amostra alunos da Escola Mario Quintana, em Pelotas, Rio Grande do Sul.

Pesquisas do Ministério da Ciência & Tecnologia, em 1987 e 2007, revelaram que a ciência desfruta de grande consideração e respeito junto à população brasileira e

que esta demonstra grande interesse por assuntos científicos. Apesar disso, um número significativo de brasileiros ainda desconhece os avanços científicos importantes para o desenvolvimento econômico do país. Daí resulta a necessidade da divulgação da cultura científica à população, permitindo uma ampliação do repertório cultural.

A divulgação científica é um fenômeno de educação permanente, atuando paralelamente à escola como educação informal. Porém, a qualidade e a quantidade da veiculação da ciência são criticadas pelos cientistas.

A televisão – nossa principal fonte de informação sobre o mundo – muitas vezes busca espetacularizar a ciência no intuito de vendê-la. Além disso, o material produzido por especialistas em ciência tende a ser confinado em horários ingratos, fazendo com que se perca a conexão com a realidade e os interesses do cotidiano do público.

O fato é que a efetividade da divulgação científica depende de um trabalho integrado entre cientistas e jornalistas que considere não só o conteúdo como sua forma de transmissão.

O programa “Um Pé de Quê?”, ao abordar questões relativas ao segmento botânico da ciência, atende às reivindicações dos cientistas: não tem sentido sensacionalista, é veiculado em bons horários e é acessível para a maioria da população, de modo que crianças e jovens possam ser educados ao mesmo tempo em que são entretidos, devido à linguagem coloquial e ao forte apelo visual.

As Ciências Naturais fornecem ao estudante um conhecimento maior sobre a vida e sobre sua condição singular na natureza, para que o aluno se posicione acerca de questões polêmicas. Dentro da botânica, há vários assuntos que podem ser explorados: biodiversidade - já que o Brasil é o país de maior diversidade vegetal do planeta -, biopirataria, árvores em extinção e plantas medicinais, por exemplo.

O programa deixa claro seu papel social de compromisso com a natureza, constituindo-se de um rico material educativo-ambiental de conservação e consciência ecológica. Os processos educacionais convencionais e formais como a escola, poderiam integrá-lo para que a educação seja completa, rica e estimulante. A apresentação do programa nas escolas, como modo alternativo de educar, contribuiria para a qualidade do ensino e para a formação de cidadãos mais capazes de conservar o planeta.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, M. A. Comunicação/Educação: aproximações. In: Eugênio Bucci. (Org.). **A TV aos 50. Criticando a televisão brasileira no seu cinqüentenário**. São Paulo (SP). Ed. Perseu Abramo, 2000, p.95-110.

BRASIL. MCT. **O que o brasileiro pensa da ciência e da tecnologia?** Relatório de Pesquisa. Instituto Gallup, 1987.

BRASIL. MCT. **Percepção pública da ciência e tecnologia, 2007**. Disponível em <<http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/50875.html>> Acesso em: 2 nov. 2008.

BRASIL. MMA. **Agenda 21 Brasileira – Bases para Discussão**. 2000.

DUARTE, R.; LEITE, C.; MIGLIORA, R. Crianças e televisão: o que elas pensam sobre o que aprendem com a tevê. **Revista Brasileira de Educação**, v.11, n.33, p.497-564, set./dez. 2006.

FISCHER, R. M.. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, v.28, n.1, p.-151-162, jan./jun. 2002.

MING, L. C. **Levantamento de plantas medicinais na reserva Extrativista “Chico Mendes”, Acre**. Tese de Doutorado. Botucatu: UNESP, 1995,180p.

OROZCO, G. Teleaudiência: Premissas para uma Pedagogia. **Revista Comunicação e Educação (CCA-ECA-USP)**. São Paulo (SP), Ed. Segmento, Ano VI, n.18, p.62-67, mai./set. 2000.

POSEY, D. A. Introdução. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, B. G. (Coord.). **Suma etnológica brasileira**. Petrópolis: Vozes, v.1, 1987, p.15-25.

PRANCE, G. T. Ethnobotany Today and in the Future. In: SCHULTES et. Al. (Eds.) **ETHNOBOTANY: Evolution of a Discipline**. New York. Chapman & Hall, p. 60-67. 1995.

RIZZINI, C.; MORS, W. **Botânica Econômica Brasileira**. 2.ed. Rio de Janeiro (RJ): âmbito Cultural Edições Ltda, 1995. 241p.